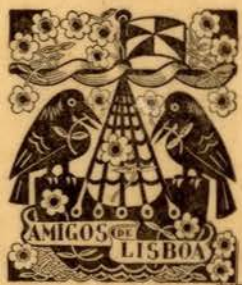


OLISIPO

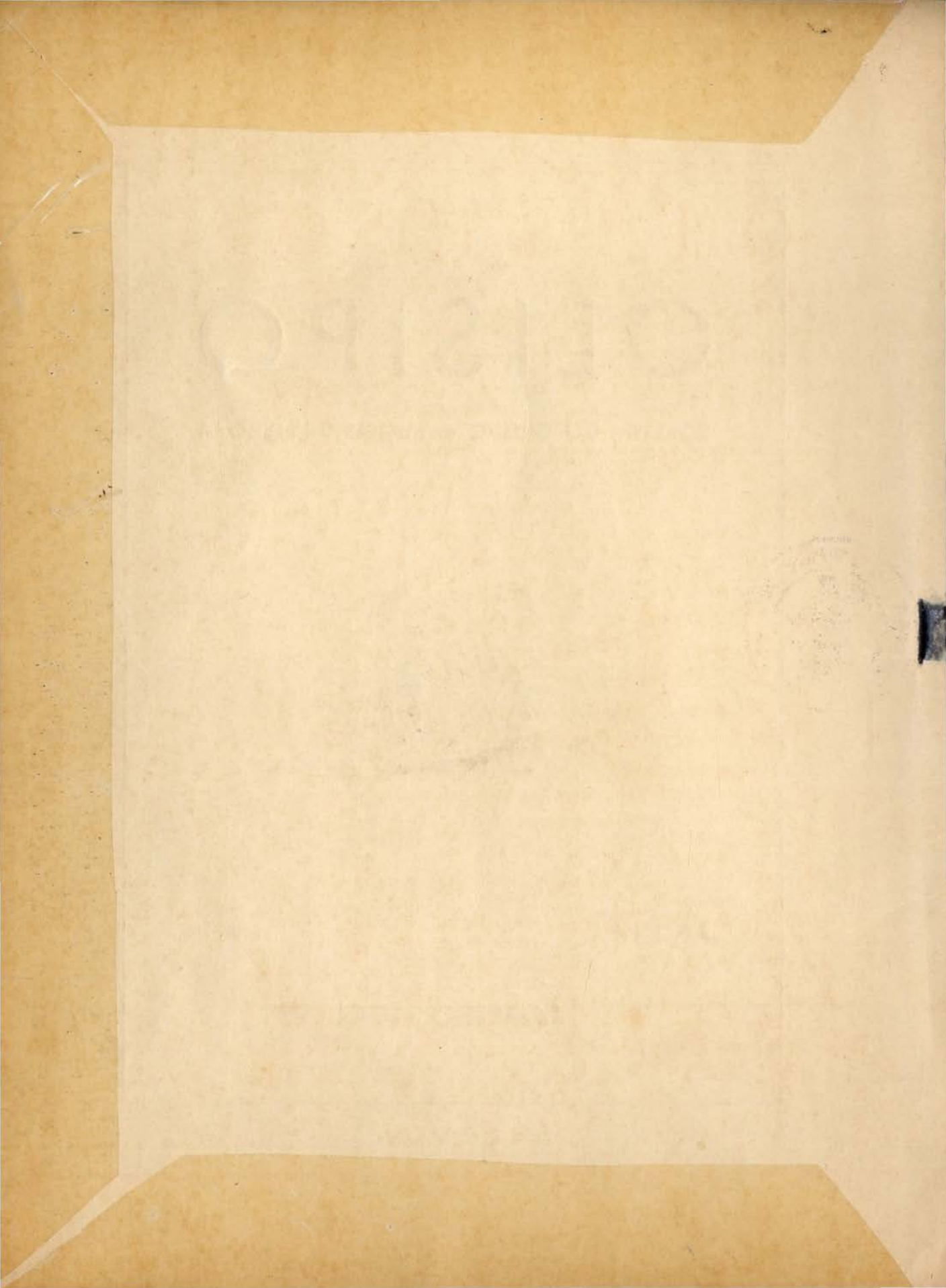
BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO IV

N.º 13

JANEIRO - 1941



Oferta
27. JUL. 1988

H

JANEIRO DE 1941

N.º 13

OLISIPO

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

DIRECTOR: GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA, VICE-PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDITOR: DR. EDUARDO NEVES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 2 5711

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA LIBANIO DA SILVA — TRAVESSA DO FALA-SÓ, 24 — LISBOA

SUMÁRIO

- JOSÉ GREGÓRIO DA ROSA ARAÚJO
(GRAVURA DE *Caetano Alberto*)
- «PERGAMINHOS» FADISTAS
POR *Mário de Sampaio Ribeiro*
- A ARTE DO AZULEJO EM PORTUGAL
POR *Luiz Moita*
- BIBLIOTECA OLISIPONENSE
POR *Albino Forjaz de Sampaio*
- SONETO
D. Isabel de Sousa Coutinho (A «Sempre Noiva»)
POR *Sidónio Miguel*
- CRÓNICA
POR *Hugo Raposo*
- ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO
- BIBLIOTECA — LIVROS OFERECIDOS

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores

ESTE BOLETIM É ENVIADO GRATUITAMENTE A TODOS OS SÓCIOS



OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER

OLIVER



JOSÉ GREGÓRIO DA ROSA ARAÚJO

Antigo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, a quem a cidade ficou devendo, entre outras iniciativas de incontestável importância, a da abertura da Avenida da Liberdade.

No passado mês de Novembro, no dia 17, fêz cem anos que nasceu este lisboeta ilustre.

“Pergaminhos” fadistas

POR MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

O «fado» — o tam discutido «fado» — é, no fim de contas, nos dias que vão correndo, uma indústria como outra qualquer. Como outra qualquer não é bem assim, porque, segundo creio, é a única isenta do pagamento da contribuição respectiva. . .

O «fado»-negócio, o «fado»-exploração tem origem na moderníssima «fadolatria» — como religião a que não faltam «templos», «deusas», «santas» e outros corifeus, a-par-de apologistas fanáticos.

A verdade manda Deus que se diga e a verdade, neste caso, é que há hoje muita gente boa que vive à custa do «fado» e que, por êsse meio, consegue governar-se menos mal.

Os seus panegiristas, desenvolvendo actividade de prosélitos, diligenciam por tôdas formas criar auréola radiante em tórno de tudo quanto respeita à canção que não é canção — porque «fado» é a letra e não a música.

Conseqüentemente, os variadíssimos «fadeiros» e «fadeiras» — que se esganiçam derrancadamente, estragando as vozes que Deus lhes deu à fôrça de cantar mal — crêem-se depositários das virtudes da raça, cuidam polarizar em si a nata dos sentimentos patrióticos, vivem convictos de encarnar a alma nacional e não sei mesmo se, lá muito no

íntimo, albergarão a suspeita do «fado» ser de origem divina, pois, em seu entender, o paraíso terreal, para ser completo, teria de meter «fado», quando mais não fôsse: dia sim, dia não.

Nem todos pensam assim e é crível que seja enorme a maioria dos íncolas que não gostam da «canção nacional» e detestam a «fadorreia» em que se vive. É pena que não se aproveite o 8.º recenseamento da população para o averiguar de certeza. . .

Mas vamos ao que importa: Há portugueses dos quatro costados que são «hereges», que negam a pés juntos as crenças dos «fadólatras» e que rejeitam qualquer afinidade ou ponto de contacto com o que consideram chaga putrefacta, espécie de carcinoma que vai corroendo, implacavelmente, os verdadeiros sentimentos nacionais. Êsses não crêem que uma raça, que soube construir e tem mantido Portugal através de oito séculos de história sem par, possa enfermar de fatalismo.

Abstenho-me neste momento de intervir na contenda. Nanja que seja meu propósito deitar lenha na fogueira ou suscitar novas discussões. Não. O que me traz a terreiro é somente o desejo de trazer aos ilustres «fadistas» um novo «pergaminho» para juntarem aos muitos que já podem luzir. Trago mais uma achega para a história da «canção nacional», baseada em documento autêntico, se bem que pouco conhecido. Estou, por isso, crente que os numerosos congreganistas «fadelros» não deixarão de me agradecer o novo contributo, embora êle não venha nobilitar a sua missão, o que é como quem diz: a sua profissão.

*

A mais antiga referência, que até agora se tinha encontrado, à palavra «fadista» — referência vaga e imprecisa, aliás — datava de 1849 e vinha no arripiante romance do Padre Rabecão — *Eduardo ou os Mistérios do Limoeiro*, que eu já tive a pachorra de ler — feito heroico que ficou sem a merecida recompensa. Ingratidão da Pátria! . . .

O acaso fez-me deparar com outra mais velha onze anos — de 1838 — e que, por muito repetida, não deixa dúvida sobre o sentido que a palavra tinha então. Naquele ano as «fadistas de Lisboa eram . . . Já vamos ver quem.

O que me veio às mãos foi uma colecção composta de cinco pequenos folhetos em verso (subordinados ao título genérico — *Queixumes das pequenas*) cujo autor se acobertou atrás do inexpressivo pseudónimo: «um ratão já de cabelos brancos».

Suponho-os muito raros — pelos menos a reunião dos cinco — porque sei que não figuram em algumas colecções olisipográficas mais que avondadas.

Deu origem à versalhada uma determinação do Senhor Administrador Geral não sei de quê. S. Ex.^a houve por bem ordenar que as «desgraçadas mulheres públicas» se arruassem e, para tanto, vá de deitar posturas cá para fora mandando que se mudassem de onde estavam e fôsem para onde lhe dava na realíssima gana.

O primeiro folhetinho da série intitula-se — *Queixumes das pequenas à vista da próxima mudança. Quadras jocosas em que primeiro falo eu e dou não pequena maçada a respeito de faltas de Tabaco, pitadinhas, etc., e depois elas* — e foi impresso, bem como os outros quatro, na Tipografia de Nery, que ficava na rua da Prata, n.º 17.

Antes de entrar em matéria o ignorado versejador recorreu à Musa, mediante a seguinte invocação:

Ajuda ó Musa um estro escangalhado
P'ra cantar toscamente em verso rombo,
O trambulhão mais forte e agigantado
Que levou até agora humano lombo.
Dá-me do teu favor grande bocado
Para metrificar verso d'arrombo;
Verso que às próprias moças lhes pareça
Que andam já com os tarecos à cabeça.

a que se segue «pequena advertência» (em que êle protesta sua boa-fé) a qual termina nesta quadra:

Riam se quiserem,
Comprem se puderem.
E o dinheiro que derem,
Não mais vê-lo esperem.

Começam depois as quadras jocosas, cuja primeira é :

Indo eu por certa rua
No capote amantilhado,
Entrei sem saber que entrava.
Em uma *Casa de Fado*.

Êste último verso teve artes de aguçar-me a curiosidade e pus-me a ver de que se trataria. O vate anónimo prossegue, dizendo que já era tarde, mas, como se lhe acabara o tabaquinho — «alívio de seu nariz» — se vira obrigado a vir para a rua em sua cata. Percorrera o Loreto e o Bairro Alto sem encontrar um só estanco aberto e já estava quasi a desanimar quando algures divisou uma porta entreaberta, onde havia luz. Entrou-lhe uma alma nova e engatilhou logo um pataco — um daqueles medonhos patações da época — preço dum bote do desejado rapé. Empurrou a porta, entrou e pediu o que buscava

Mas oh! dor! a minha esp'rança
Ainda foi iludida!
Eu não; mas outro qualquer
Gostaria da partida.

A' vista de tal engano
Tremi p'la minha virtude:
Deus livre a todo o cristão
D'uma experiência tam rude.

Mas forte dos tais setenta
Que me pesam no costado,
De pensamentos impuros
Não me senti agitado.

Nem possível era, olhando
A' miséria e porcaria,
Que d'envolta co'a desgraça
Naquela casa se via!

Quatro jovens infelizes
Talvez mais que debochadas
Me olharam ao mesmo tempo
Risonhas e admiradas.

Uma, vai fechar a porta ;
A outra a vela espevita ;
E tôdas quatro à porfia
Querem tomar-me a visita.

E não há duvida que subsistir possa acerca do que fôsse, então, uma «Casa de Fado». Mas se alguma se mantivesse, por teimosia caprichosa ou por obstinação casmurra, essa mesma se desmoronaria ante os versos do «ratão encanecido», que já passava dos setenta em 1838. Eis como êle continua :

Minhas filhas, enganai-vos
(Lhes digo :) e eu me enganei :
Pensastes que era disfarce
Se tabaco procurei ?

Ao ver esta porta aberta
Pensei achar o que queria,
P'ra outra cousa por certo
Aqui me não dirigia.

Mas, como mui bem conheço,
Proveito esperaveis tirar,
Nada perdereis : gostoso
A entrada vou pagar.

Tomai . . . e ainda que pouco,
Podeis dizer, que em tal vida,
Êste dinheiro vos deu
A sorte compadecida.

Tôdas quatro lhe agradeceram a generosidade e o bom do setentão ia já a retirar-se, satisfeito de sua pessoa, embora sem o suspirado esturrinho, quando uma delas, amavelmente, se foi a revolver certo armário donde tirou uma caixa de rapé que poz à sua disposição. O nosso homem não recusou e sorveu tal pitada, com tamanho gôsto, que deveria ter sido audível a cem passos de distância. A «jovem infeliz» declarou-lhe ter estimado de veras o prazer que lhe proporcionara e o vate em vez de retirar-se, sentou-se e repetiu a dose com a mesma avidez deliciada e, depois de entulhar as ventas com terceira pitada, começou a dar à taramela, esquecendo o lugar onde estava e só lhe lembrando o acaso que lá o trouxera. Elas por seu turno, à mingua de freguesia, não se mostraram ariscas e assim se puseram ao cavaco. Versados mil assuntos, veio à colacção o caso da mudança.

Expliquei-me como pude
A-respeito-das medidas
Que determinam se mudem
Das ruas que são proibidas ;

Mas a tal do tabaquinho,
(E que era doutora entendo)
Às razões que eu lhe propus
Assim me foi respondendo :

«Não me oponho a Lei alguma,
Tributo a tôdas respeito ;
Mas creio posso notar
O que julgo ser mal feito.

Mas talvez por ser mulher
E de mais, parte interessada,
Julgo as minhas razões
Sem pêso e valendo nada.

Porêm diga-me o senhor,
 Porque mais juizo tem:
 Que interêsse, ou que proveito
 Derivará disto a alguém?

Aqui nesta altura do discurso da «doutora» o «ratão» faz anotações de interêsse e diz em determinado ponto: «As mulheres a que se alude, habitando casas no meio de outras de gente morigerada, contêm-se, capricham em se portar como senhoras; e a emulação de serem conceituadas de bom porte, opera o adoçamento dos seus maus hábitos: indo viver, pois, sem êstes freios contínuos, perderão todo o pundonor, todo o brio e todo o capricho que tinham ganho: haja vista o sítio chamado Cotovia, travessa do Pasteleiro, Madragoa, etc., onde quasi que vivia só desta gente; que não tendo a recatar-se em suas públicas acções e torpezas, as praticavam públicamente. Ali se observavam desordens diárias, facadas, mortes, roubos; e, por fim, elas entregando-se ao frenesi do vício, sempre embriagadas, apresentavam o espectáculo de autómatos animados sòmente pelo gás vinhoso, cheias de úlceras asquerosas, bem capazes de formar um virus epidemico».

Não há negar-se certo fundo de verdade nas reflexões do nosso homem acima transcritas e que, pelo menos, têm o mérito de ilustrar o termo «fadista» empregado pelo Padre Carvalho em seu romance que fez época e cuja acção começa precisamente numa baiuca da Madragoa onde Eduardo entra casualmente e onde tem ensejo de dar um ensaio de murro em certo meliante que maltratava uma desgraçada, a qual, no fim de contas, era (se bem me lembro) sua irmã.

Voltemos, porém, à vaca fria. A «doutora» prossegue:

Não era melhor, primeiro
 Evitar, que pelas ruas
 Durmam tantas infelizes (!)
 Descalças, rôtas e nuas?

(!) O desconhecido autor das quadras afirma, em nota, que «dormem muitas destas infelizes, por não terem outro abrigo, debaixo das Arcadas do Terreiro do Paço, sem exceptuar aquelas das Secretarias do Estado». Isto quatro anos após ter raído a «aurora da Liberdade» . . .

As quais de dia sem pejo
Junto às tabernas sentadas,
(Mesmo das ruas da *Baixa*)
Se encontram mui descaradas?

Que mil outras, vagueando
Em tôrpe devassidão
Tragam consigo crianças
Em meia prostituição?

Crianças, velhas adultas
De noite aos bandos se encontram,
Mil torpezas cometendo
Que aos costumes tanto afrontam!

...E a «doutora», que, pelos vistos, tinha costela do famigerado
Frei Tomaz, continua perorando:

Mas se eu tivera poder...
(Não digo que as acabava);
Porém afirmo e lhe juro
Que um grande córte lhes dava.

Nenhuma prender faria
Para ir ao Limoeiro,
Nem o nome publicava
Dela, mais do companheiro.

Prosseguindo em seu programa de acção social e de morigeração
de costumes, a loquaz «fadista» disse mais:

Às velhas boas taponas,
Às crianças Casa Pia;
Às outras *pão, pau e estopa*,
E sei como a coisa iria.

Essas que em tascas imundas
Sempre de copo na mão,
Desgrenhadas, descompostas
De dia e de noite estão:

Que ao som da *Banza* sebenta
O *Bote-laré* cantando;
E o *Ai lé qu'estaré qu'és tu*
Como pretas rebolando:

Sôbre estas, e outras tais
(Primeiro que às dos andares)
Se fulminem, pois é justo,
Providências a milhares.

Porém, as que em casas altas
Se comportam sossegadas,
E que a própria vizinhança,
Vê, o melhor comportadas;

Que são para os *senhorios*
Sempre boas pagadoras;
E do comércio de *luxe*
As melhores gastadoras;

Vão habitar outras ruas . . .
Travessas, becos e cantos
Onde menos sejam vistos
Diabólicos encantos.

Locais e sítios por onde
Muito pouco se transite:
Nem ao menos, das *Cebolas*
O *Campo* se lhes permite!

D'Atalaia, Calafates,
A da Rosa, e a da Barroca,
Mesmo a travessa da Espera
Não são ruas p'ra matroca !

Mas tem a rua da Esperança,
Buenos-Aires quasi inteiro,
Sítios ermos, onde apenas
Se vê algum aguadeiro . . .

E continua a tremenda palinódia não sem ressaltar que não se percebe como há poder para estabelecer diferenças entre «iguais cidadãos»,

Todos iguais em direitos,
Garantias, Liberdade,
Proteje-os a mesma lei
Sem fazer desigualdade . . .

Ora de tôda esta interessantíssima cadeia de quadras uma coisa salta à vista — é que em 1838, havia «desgraçadas mulheres públicas» que achavam justo que se tomassem milhares de providências para as da sua igualha que em tascas imundas, sempre de copo na mão, de dia e de noite, cantavam coisas ao som da banza sebenta.

Tôdas eram «fadistas», é o «ratão» que o diz, logo na primeira das quadras que compõem a segunda parte dos *Queixumes*:

Passados eram seis dias
Depois do que já contei ;
Quando outra vez co'as *Fadistas*
Por acaso me encontrei.

Outras referências há, das quais se conclui que as «fadistas» eram as «meninas do fado» e que se dava o nome de «Casas de fado» a uma coisa muito diferente — semânticamente falando . . . — dos «templos» actuais.

*

Volvidos mais de cem anos, não há por que tomar providências para arruar as «fadistas» de nossos dias. Deus louvado de umas a outras (pelo menos algumas) vai um abismo.

O quadro de Malhòa, porém, tem razão de ser; mergulha suas raízes e consagra uma tradição da mais pura cepa. Fica provado de forma incontrovertível.

Há, todavia, uma coisa que gostaria de saber: ¿Que pensariam as «fadistas» de 1838, as domiciliadas em andares, de tôda a gente que vive hoje em êxtase permanente ante o lídimo descendente — o actual representante — do *Bote-larè*, que se cantava ao som da banza sebenta, rebolando, como negros, certa parte do corpo? ¿De que pasmo não seriam possuídas se vissem aquilo que elas próprias julgavam desprezível e atentório dos bons costumes, transformado, vestido à peralta, de barba escanhoada e alçapremado às maiores honrarias?

Infelizmente, terei de viver o resto de meus dias na mais perfeita ignorância do caso, porque elas de há muito que são pó, terra, cinza e nada e suas almas, talvez a esta hora ainda purgando pecados de tomo, não curam de me dar resposta.

Contudo, algo dentro em mim me bacoreja coisas pouco abonatórias. . .

L. D. V. M.

MCMXL — 6 de Dezembro.

A ARTE DO AZULEJO EM PORTUGAL

Original português sobre que foi feita a versão inglesa inserta em o n.º 73,
de 28 de Setembro p. p. do quinzenário *The Anglo-Portuguese News*

POR LUIZ MOITA

A Exposição do Mundo Português, o certame que em Lisboa foi admirado — e admirado francamente — sem a restrição ou a crítica tocada do menospreço, tão vulgar na bôca latina dos portugueses, constituiu certamente um acontecimento ousado, surpreendente neste país que parecia adormecido antes de Salazar. Pelo menos as qualidades portuguesas, ali concatenadas, as que fizeram de Portugal um grande país na era de quinhentos e as que produziram, sob uma batuta enérgica, aquele concerto de esforços, de beleza, de harmonia, de orgulho, de côr e de graça, iam esquecidas de muitos ou estavam distantes umas das outras o bastante para, na sua actividade anárquica, não merecerem o conceito de ninguém. Artistas portugueses, realizadores portugueses, architectos, engenheiros, onde estavam êles antes da voz, do olhar, da palavra serena do Homem que tem hoje nas mãos — graças a Deus, o destino de Portugal?

O ousado sentido moderno dos pavilhões expressou, naturalmente, a visão construtiva dos nossos dias. Mas a intelligência dos artistas que tudo imaginaram soube aliar êsse sentido ao carácter português e aos indicativos da História Pátria. Não foi necessário entrar no Centro Regio-

nal, onde as Províncias tiveram a sua interessantíssima fachada, ou no Bairro Setecentista, para sentir-se a alma de Portugal. Tôda a iconografia patente na Exposição expressou essa vida peninsular inconfundível, irreprimivelmente portuguesa.

Mas foi no Pavilhão de Lisboa, em cujo átrio esteve colocada a lindíssima grade romântica da Sé, há pouco ainda esquecida negligentemente algures, que o carácter da vida nacional, sobretudo nos seus aspectos retrospectivos, surgiu em todo o seu pitoresco enternecedor. E mais que outra qualquer modalidade pictoral ou iconográfica foi, quanto a mim, o azulejo, que ali expressou, exuberantemente, a alma portuguesa.

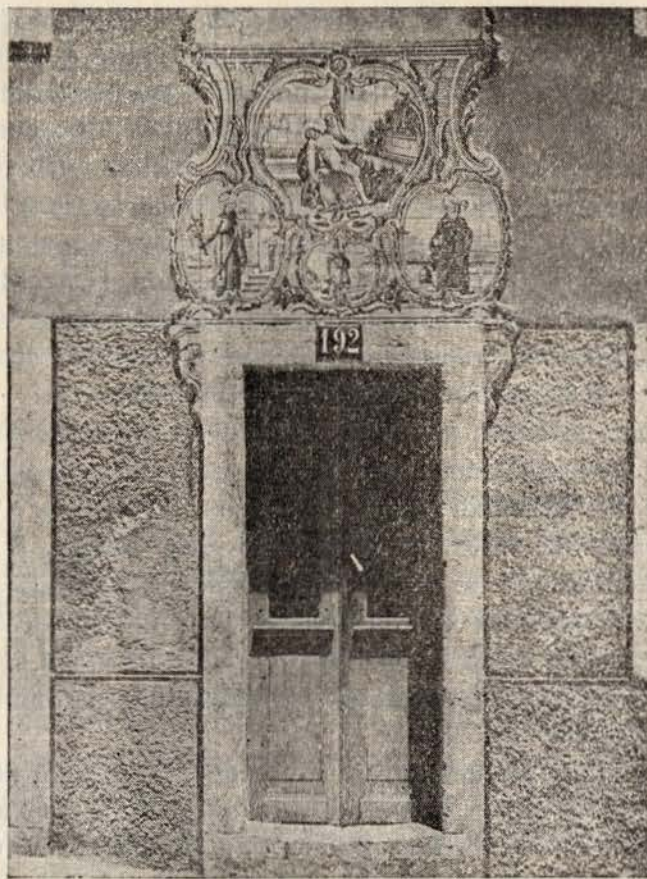
Lá tivemos dois «tricornes» de fábrica moderna, mas lembrando as graciosas e delicadas figuras que ainda hoje se vêem em algumas escadas do Bairro Alto, no Poço Novo, ou na Rua de S. Boaventura, encaminhando os visitantes. «Tricornes» falados, fazendo vénia ao recém-chegado, com requintes de graciosa afabilidade, e dizendo: «Esta casa é de Vossa Mercê»; «Lisboa espera por Vossa Senhoria...»

E lá vimos adiante, no meio do serpear das salas da Lisboa retrospectiva, a fantasiada mas não menos curiosa vista panorâmica da capital, silhar de azulejos azues e brancos, do século xvii, provisoriamente retirado do átrio do Museu de Arte Antiga, e proveniente do palácio do Marquês de Ferreira e Conde de Tentugal, na Rua de S. Tiago aos Lojos. Sem dúvida a ideia da tranferência do silhar para o Pavilhão de Lisboa foi das mais felizes. Era a cidade a elogiar-se a si própria, usando do processo pictoral e iconográfico que, mais que outro, lhe pertence.

E bem andou, finalmente, o decorador, colocando no pórtico da saída um derradeiro silhar, moderno, com um aspecto da cidade actual, devido ao desenho de Martins Barata e à pintura de Vitória Pereira.

Essa homenagem contemporânea, feita duplamente à cidade e à sua Arte Decorativa, quiz talvez dizer que ao novo Renascimento português, de que a mesma Exposição foi o símbolo, corresponde um regresso espontâneo ao gosto pelo azulejo, gosto iniciado no século xvi, — o do primeiro Renascimento, desenvolvido no século xvii, esplendoroso no xviii e decadente depois do nosso D. João VI, isto é, desde quando a novas fórmulas de governação pública corresponderam apetites duma decoração mais universal e, por consequência, menos portuguesa.

Vale a pena, num rápido bosquejo, apontar o que foi a fixação entre nós dessa arte que, originária, talvez, do velho Egíto de há 5.000 anos, no tempo das dinastias menfitas; usada por caldeus e assírios, conhecida na China e na Índia, é introduzida na Península provável-



Curioso «registo» sôbre a porta duma casa popular de Lisboa (sec. XVIII)

mente pelos *almoadas*. Fixando-se, pois, no sul da Espanha durante a dominação árabe, ali sofreu mais tarde o conflito com a policromia e o desenho provindos da Itália, já sob a Renascença, e ali tomou feições próprias com o evolucionar dos séculos, de tal forma que os velhos

modelos estrangeiros, de origem oriental e mediterrânica, não mais suportaram o confronto com a arte peninsular que haviam originado.

Talavera de La Reina e Sevilha foram então os centros da cerâmica espanhola onde a breve trecho, nesse desenrolar do século XVI, surgia uma arte decorativa pujante. E para não falar já do azulejo hispano-árabe, dessa época e dos séculos XV e XVII, de que temos raros mas famosos exemplares nos Paços de Sintra e na Sé Velha de Coimbra (*cuenca e corda seca*), basta dizer como, principalmente de Sevilha e, ao provável, nos tempos dos Filipes, ou mesmo antes, — nos veio a réplica italiana, ali já desenvolta, de Francesco Nicoloso, *el Pisano*, artista que em Portugal, no dizer dos entendidos, gerou o famoso Francisco de Matos, o mesmo que em Lisboa, na Igreja de S. Roque (capela do orago) tem um magnífico e lindíssimo silhar, assinado e datado de 1584.

A arte italiana pusera no declínio o azulejo árabe, de desenho geométrico, dando origem às policromias exuberantes, aos desenhos de florões e fitas, jarros, pássaros, cartelas (*cartoccios*), enfim ao estilo por excelência do Renascimento, os chamados *Rótulos e Pendurados*. O património que nos ficou desse período, por assim dizer, de inoculação, é hoje raro. Há em Lisboa, na Penha de França, alguns panos incompletos; há-os mutilados, na Igreja da Graça; os da Ermida de Santo Amaro, completos ainda, felizmente safos do terramoto. Temo-los mais na Bacalhôa, em Azeitão (atribuídos a Francisco de Matos), na Igreja de S. Francisco, em Estremoz, e, finalmente, no Palácio Ducal de Vila Viçosa.

* * *

Mas o estilo de *Rótulos e Pendurados*, como os azulejos de *diamantes* (símbolos do martírio de Jesus), com que se ornamentavam átrios de igrejas e claustros de conventos, nesses fins do século XVI, comêços do XVII, foram expressões duma arte peninsular, sim, mas não portuguesa. É justamente a partir de cêrca de 1650 que o azulejo entre nós, mantendo a policromia no chamado *tapete* ou *padrão*, vem restringindo a côr ao esmalte azul e branco, toma um forte carácter local e surge, portanto, como arte essencialmente portuguesa.

É rápida a invasão que faz em tôda a construção civil e religiosa do tempo, por êsse país fora. E não só a extensão do seu domínio cresce. A graça dos motivos picturais é tôda uma arte nova, caprichosa por vezes, pomposa em certos casos, ingénua quási sempre.

Lisboa, no entanto, permanece o grande centro ceramista português. Os mestres de azulejos fixam-se principalmente na Costa do Castelo (onde ainda hoje existe a *Rua das Olarias*), e no Monte de Santa Catarina, — Santa Catarina do Monte Sinai, em cujo sopé, do lado do Poço Novo, a toponímia apresenta ainda a *Travessa do Oleiro*.

Ao *azulejo de caixilho*, enxadrezado a branco e azul, ou verde, porventura ainda de origem espanhola, que reveste freqüentemente as paredes de certas igrejas manuelinas de segunda ordem, seguiram-se fórmulas já pròpriamente portuguesas, por exemplo, as de *laçaria e rosas*, e sobretudo êsse tipo tão peculiar de corredores, átrios e escadarias, — o *motivo isolado*, entre molduras regulares de volutas, *motivo* geralmente formado por *albarradas* (jarras de flores), intercaladas de pilstras ou cariátides.

Êste tipo de azulejo, acessível pela factura em série do mesmo *motivo isolado*, revestia os corredores de palácios em cujas salas se observavam já silhares de maior preço, tais como as composições de carácter bíblico ou místico, passos e cenas da vida religiosa, batalhas, como as da Independência, que se seguiram a 1640, e ornamentam a sala de música do Palácio Fronteira, a Sete Rios.

O século XVIII requintou de novos elementos decorativos a arte do azulejo, aperfeiçoando geralmente o desenho e a tinta. O *rococó* desmancha com freqüência a moldura rectangular, de volutas, provinda da Renascença, originando a moldura de sanefas, usada raramente e de maneira ainda ingénua no século anterior, moldura dentro da qual os assuntos profanos ou religiosos, segundo a aplicação dos panos em jardins ou igrejas, palácios ou conventos, ganham em perfeição de desenho, pujança e arrojo de composição.

A arte do azulejo encontra então o seu esplendor em Portugal. O nosso país, nessa primeira metade do século XVIII, justamente quando entre nós a construção monumental tomou grande incremento, em bastos exemplares hoje ainda admiráveis, descobre no azulejo uma arte muito sua, cheia de beleza e de carácter. O capricho dos artistas, o

mesmo que em seiscentos já tivera o arrojo da moldura interior de sanefas, vai agora mais longe e cria o pano de azulejos recortados irregularmente pelo exterior (Escadaria do Recolhimento do Grilo, ao Beato). E não apenas conventos e palácios aproveitaram dessa febre de produ-



Gracioso conjunto de «registo» num bairro popular da capital (sec. XVIII)

ção nacional. Ao *motivo isolado*, provindo do século XVII e ainda empregado, corresponde agora o azulejo de *figura avulsa* (cada azulejo contendo uma figura independente, animal ou vegetal), — provável adaptação portuguesa dos temas naturalistas dos azulejos de Delft, de que

temos muitos e curiosíssimos exemplares nas escadas humildes da Madragôa e do Conde Barão.

* * *

O interêsse e o amor pelo nosso património de azulejos, património inestimável, cheio de carácter nacional, pode despertá-lo fácilmente todo aquele que, por êsses bairros velhos da capital, Madragôa, Alfama, Mouraria, Castelo, Santa Catarina e Bairro Alto, reparar em certos edifícios entre cujas janelas surgem os simpáticos «registos», em geral elegantemente recortados, em moldura azul ou policrómica, e no interior da qual invariavelmente aparece a ingénua figura de Nossa Senhora. Tais «registos», que provavelmente vieram substituir os antigos nichos, ou *almas*, da Idade Média, são a nota pitoresca e bela que traduz o sentimento piedoso do lisboeta de antanho, sentimento que nos azulejos encontrou a sua forma mais expressiva e característica.

A Virgem Maria surge por vezes nesses simpáticos «registos» acompanhada de Santo António e São Marçal; o primeiro, o famoso santo lisboeta, o taumaturgo que a capital não deixou nunca de venerar, embora nas exteriorizações cultuais do mês de Junho haja seu quê dum irresistível paganismo; e o segundo, o protector das casas, na hipótese aflitiva dos incêndios.

Os «registos» de azulejos, que Lisboa a todos mostra e vêm do tempo de D. João V, de D. José, D. Maria I e da Regência de D. João são, talvez, a nota mais curiosa, a mais pitoresca e popular da Arte do Azulejo em Portugal. E se é certo que para a compreensão e interpretação do nosso país é indispensável uma parcela, embora mínima, de boa vontade e simpatia, a isso deve acrescentar-se que um dos segredos da alma nacional, uma das suas manifestações mais expontâneas, está justamente na Arte do Azulejo, a um tempo requintada e popular, mas sempre, sempre, castiçamente portuguesa.

OCIDENTE

Revista Mensal Portuguesa

DIRECTORES:

MANUEL MÚRIAS E ÁLVARO PINTO

Preço das assinaturas, por ano, com direito aos números especiais

Portugal, 115\$00 = Brasil, 120\$000

= Colónias Portuguesas, 125\$00

= Estrangeiro, £ 1-8-0

RUA DO SALITRE, 155
LISBOA ■ PORTUGAL

novidade olisiponense

TEMPOS QUE PASSARAM

POR LUIZ PASTOR DE MACEDO

A ascendência do grande actor Chaby Pinheiro ~ A Rua da Madalena, os seus moradores, o seu comércio, os seus grandes incêndios, etc. ~ A freguesia da Sé no dia 31 de Outubro de 1755

PREÇO 12\$00

PARA OS SÓCIOS DO GRUPO 10\$80

novidade olisiponense

O «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» E O SÉCULO XIX

POR LUIZ TEIXEIRA

Fontes; António da Cunha Soto Mayor; Júlio César Machado; o Passeio Público; Castilho; Eduardo Coelho; o grupo de Coimbra e a renovação da mentalidade portuguesa; a «Revista Universal-Lisbonense»; o «Diário de Notícias» na vida de Lisboa do século passado; Eça, Ramalho e «O Mistério da Estrada de Sintra, etc.

Uma síntese evocadora do espírito e do pitoresco duma época interessante da capital

Edição do GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

■ PREÇO 5800 ■

LIVRARIA PORTUGÁLIA

75, RUA DO CARMO-LISBOA

Livros nacionais e estrangeiros

Sempre as melhores novidades de Obras Literárias, Arte, Medicina, História, Direito, Economia, tanto nacionais como estrangeiras

Serviço rápido de encomendas para todos os países da Europa e América

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS
SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

FORNECIMENTO DE LIVROS PARA O
CONTINENTE, ILHAS E COLÓNIAS

DIRIJAM SEUS PEDIDOS Á

PORTUGÁLIA

75, RUA DO CARMO-LISBOA
TELEFONE 20791

EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA TEL 62177-62178
AVENIDA 24 DE JULHO, 158-LISBOA TELEF LAMPAR

ADQUIRIR O NOSSO MATERIAL
É GARANTIA DE OBTER MATE-
RIAL DE QUALIDADE
SUPERIOR

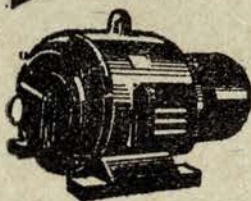


LÂMPADAS

LUMIAR

MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES

GERADORES



ENAE

Fabrica nacional

Banca Lisboa & Açores

CAPITAL E FUNDOS DE RESERVA

ESCUDOS 21:400.000\$00

FILIAL NO PORTO E
AGÊNCIAS E CORRES-
PONDENTES NO PAÍS,
E PRINCIPAIS CIDADES
DO ESTRANGEIRO

Todas as OPERAÇÕES
DE COMÉRCIO BANCÁRIO

Casa das Bandeiras



Bandeiras nacionais, estrangei-
ras e associativas, para Casas
do Povo e Grémios. Fornece-
dores da Mocidade Portuguesa
Masculina e Feminina, União
Nacional e Legião Portuguesa.

Secção de Lãs, Sedas e Alfaiataria

**DESCONTO DE 10% AOS SÓCIOS
DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»**

D. COSTA & MONTEIRO, LDA.

223, R. DOS FANQUEIROS, 227

LISBOA

TELEFONE 2 6126

BIBLIOTECA OLISIPONENSE

POR ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

QUANDO se começa a formar uma biblioteca a pouco e pouco o nosso espírito tende a pender para um sector da livraria pelo qual sente maior predilecção. Insensivelmente vai-se comprando hoje um livro, amanhã outro, no dia seguinte um folheto e o germen da colecção está lançado. Começa-se a pensar no que nos falta e insensivelmente também os nossos passos procuram aqueles que sabemos caçarem no mesmo terreno ou sejam os que, como nós, têm a mesma paixão livresca. A sua colecção é nossa conhecida e o nosso fito é superá-los, possuir a melhor de tôdas as colecções conhecidas. Não se poupam fadigas nem dinheiro. Compramos, trocamos, metemos empenhos para que nos vendam, temos pela colecção o mesmo desvêlo que um fauno pela sua ninfa, ou um fumador pelo seu cachimbo. A pouco e pouco a colecção avassála-nos, é citada, representa a celebridade e a fortuna. Há mesmo criaturas, curiosos e bemfazejos espíritos de coleccionador, que devem tôda a sua notoriedade, notoriedade que durante muitos anos lhe sobrevive, à paixão que os acorrentou em vida. Efectivamente êsse pendor para a colecção realizou-lhes economias que talvez não tivessem feito, e conquistou-lhes fama perdurável. Uns coleccionam

livros do século XVI, como o senhor D. Manuel, outros livros de arte como o José Queiroz, D. José Pessanha, o Dr. Luiz Xavier da Costa. Querem uns ter Camilo como Henrique Marques e o livreiro Manuel dos Santos, sermões de autos de fé como Fernando Castiço, teatro de cordel como Rodrigo Felner, Camões como Thomaz Norton ou Almeida Campos, livros antigos como o Nepomuceno, architecto, ou livros novos como Carlos Branco. Abençoada paixão que vai rareando mas que voltará, como é de uso voltar entre gentes civilizadas, em países cultos. ¿ Não coleccionaram os Goncourts chinezisses e orientalismo e não as coleccionava também Pierre Loti? ¿ Não colecciona navios o capitalista Seixas, e não colecciona tudo o que lhe cai às mãos, quem, em matéria de livros portugueses, estas linhas escreve? Entre nós há pelo menos três colecções que têm muitos amadores. A Olisiponense de que é o maior de todos o nosso Vieira da Silva e foi o médico Carlos Santos; a Camoneana de que o foi o Dr. Carvalho Monteiro e a Camiliana de que o foi primeiro o livreiro Henrique Marques e depois o também livreiro Manuel dos Santos.

Tratemos da Olisiponense ou seja a colecção dos livros que sôbre Lisboa se têm publicado. Diremos, é claro, nisto, como no restante, da base, o núcleo que constitue o indispensável pois que tudo seria impossível e encheria muitos volumes como êste.

A primeira obra que sôbre Lisboa se imprimiu foi o *Summario em que brevemente se contem algumas cousas assim ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa*. É de Christovão Rodrigues de Oliveira e saiu sem data, calculando porém em que esta seja 1553-1554. Dá-nos curiosas informações estatísticas, diz-nos das velhas ruas, das profissões e é a todos os respeito um livro obrigatório de figurar em tôda a biblioteca que mereça êsse nome. Esta obra completa-se com a de João Brandão que só em 1923 foi publicada: *Tratado da magestade, grandeza e abastança da cidade de Lisboa na 2.ª metade do século XVI*. O manuscrito que se conserva na Biblioteca Nacional é conhecido pela *Estatistica de 1552*. Vem seguidamente o livrinho de Damião de Goes *Urbis Olissipontis* que, publicado em Évora, 1554, foi traduzido e publicado em 1937 com o título *Lisboa de Quinhentos. Descrição de Lisboa*. Em 1571 Francisco d'Holanda escreve *Da fabrica que falece ha cidade de Lysboa*. Conserva-se em

manuscrito na Biblioteca da Ajuda e foi pela primeira vez reproduzido no Pôrto, em 1879. Com êste se enumeram todos os livros quinhentistas que de Lisboa se ocupam.

Seguidamente nos aparecem o livro *Do Sitio de Lisboa* de Luiz Mendes de Vasconcelos, publicado em 1608, o de Fr. Nicolau de Oliveira *Livro das grandezas de Lisboa*, Lisboa, 1620, e a *Relação em que se trata, e faz uma breve descrição dos arredores mais chegados á cidade de Lisboa*. Vem depois a obra de Luiz Marinho de Azevedo, *Primeira parte da fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa* que saiu em 1652 e a de Antonio Coelho Gasco *Primeira parte das antiguidades da muy nobre cidade de Lisboa, imporio do mundo, e princeza do maior Oceano*, escrita antes de 1666 data da morte do seu auctor e publicada sôbre uma cópia manuscrita da Biblioteca da Universidade de Coimbra, em 1924.

O século XVIII passou sem que qualquer obra de vulto apparecesse. Inacio Paulino de Moraes em 1804 dá-nos o *Itinerario Lisbonense*, Ventura da Silva a *Descrição topografica da nobilissima cidade de Lisboa*, P. P. da Câmara a sua *Descrição geral de Lisboa* em 1839 e pouco mais. Em 1843 Santos Cruz publica o seu ensaio sôbre a *Topografia médica de Lisboa* e em 1851 José Sérgio Veloso de Andrade dá-nos os *Chafarizes, bicas, fontes e poços*. E em 1879 com a maior galhardia aparece o grande iniciador sistemático dos estudos lisboenses, Julio de Castilho. Êle com a sua *Lisboa Antiga* e com a *Ribeira de Lisboa* reacendeu o fogo sagrado e então surgiu um núcleo de estudiosos apaixonados que realizou sôbre a nossa linda cidade uma verdadeira literatura. Foi Gomes de Brito com a *Lisboa do Passado. Lisboa de nossos dias*, Lisboa, 1911, *Noticia de livreiros e impressores em Lisboa, na segunda metade do século XVI*, *Os itinerarios de Lisboa*, *Os Remolares* e essa obra soberba de erudição que é as *Ruas de Lisboa*, últimamente publicada. Foi Pinto de Carvalho (Tinop) com a *Historia do Fado* e a *Lisboa de outros tempos*. Foi Augusto Vieira da Silva com *O Castello de S. Jorge*, *A Cerca Moura de Lisboa*, *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, *A Judiaria Velha*, *A Judiaria Nova*, *A população de Lisboa*, *Os Bairros de Lisboa*, *Os locais onde funcionou em Lisboa a Universidade dos estaus*, a *Noticia historica sobre o levantamento da planta topografica de Lisboa* e a *Velha*

Lisboa; foi Gustavo de Matos Sequeira com o seu *Depois do terremoto e O Carmo e a Trindade*; foi Luiz Pastor de Macedo com *A Igreja de Santa Maria Magdalena de Lisboa, O Antigo Terreiro do Trigo, A rua das Pedras Negras e a Critica, correções e aditamentos á obra Lisboa do meu tempo* de Paulo Freire; foi Paulo Freire com a obra *Lisboa do meu tempo e do passado — Do Rocio á Rotunda*, que criaram um núcleo de estudiosos, que com o Grupo dos Amigos de Lisboa muito tem feito pela nossa linda cidade.

Obras ainda indispensáveis a uma olisiponense regular são ainda os dezassete volumes dos *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, de Eduardo Freire de Oliveira, o 3.º volume da obra *O Terramoto do 1.º de Novembro de 1755*. Acrescente-se a esta relação o volume *Lisboa* de Alfredo Mesquita, *O Hospital de Todos os Santos* de Alfredo Luiz Lopes, os *Pateos de Lisboa* do engenheiro Montenegro, a *Lisboa Velha* de Roque Gameiro, o *Estudo historico hidrografico sobre a barra e o porto de Lisboa*, etc., por Baldaque da Silva, a *Lisboa Moderna* de Zacharias d'Aça, *Pelos suburbios e visinhanças de Lisboa* de Gabriel Pereira, a *Lisboa do romantismo* de Mario de Almeida, *A Rua da Junqueira* por Arthur Lamas, a *Lisboa Antiga* por Nogueira de Brito, a *Esthetica citadina* de Ribeiro Cristino, a *Memoria historica sobre o abastecimento de Agua a Lisboa até ao reinado de D. João V* por Jorge das Neves Larcher, *Lisboa e os Lusíadas na formação da Patria* por Hernani Cidade, o livro de Paulo Freire *Minudencias lisboetas. Rápidos aspectos da Lisboa antiga*. E se em verso se quizer ter alguma coisa, consiga-se *Lisboa* a poesia de António Nobre e o poema heróico de Antonio de Sousa Macedo *Ulyssippo*. Já é alguma coisa e não ficará má de todo a representação ulissiponense nas estantes de uma biblioteca.

(Do livro «Como devo formar a minha biblioteca»)

DONA ISABEL DE SOUSA COUTINHO

(A «SEMPRE NOIVA»)

DONZELA e dona que de teu presentes
a graça e os dons que só o amor dispensa
e lhe obedeces na jurada crença
a peito igual das confissões ardentes . . .

Donzela e dona que na luta sentes,
férrea de injúrias, torva malquerença;
mas não te quebra na razão que pensa,
na fé que guarda os corações viventes . . .

Teu corpo virgem negas a marido
que te escolheram, tu não procuraste
e que te afronta com mordaz desejo . . .

Feliz aquele que, de ti escolhido,
tinha a promessa de honra que guardaste,
gozou só êle a boca do teu beijo . . .

Dos «Mármore e Bronzes»

SIDÓNIO MIGUEL

(Este soneto é publicado neste número de OLISIPO, a pedido de alguns dos nossos associados, que assistiram à visita do nosso Grupo ao mosteiro de Santos-o-Novo em Novembro p. p., durante a qual foi recitado pelo auctor).

CRÓNICA

UM MILHÃO DE HABITANTES É DEMAIS

POR HUGO RAPOSO

MUITAS e importantes têm sido as obras ultimamente levadas a cabo e em curso, na cidade de Lisboa, e, dentre elas podem classificar-se de impressionante grandeza as novas artérias, embora as mais importantes sejam vias de ligação.

Era quasi impossível não admitir que dentro dum lapso de tempo mais ou menos curto, elas venham a ser orladas de edificações, e muito menos de admitir ainda que essas edificações não vão encontrando sucessivamente os seus respectivos moradores. Pelo menos assim tem vindo sempre acontecendo com as construções anteriores, cuja fantástica área todos conhecem.

Dest'arte foi que Lisboa, num salto excessivamente brusco, entrou já na classe das cidades de 700 mil habitantes, dos quais cada um tem dois braços que pedem trabalho, todos deviam ter cabeça e muitos aqui a perdem, mas todos absolutamente têm boca e nenhum planta couves, semeia trigo ou colhe azeitonas para fazer azeite com que se tempera o bacalhau e as batatas.

Dizia ainda há dias Agostinho de Campos no Salão Nobre da Câmara, como gracejo que encobre uma verdade, que Portugal corre o risco de vir a não levantar cabeça por a ter muito grande. Quanto a nós, achamos já demasiado que a capital albergue um décimo da popu-

lação de todo o país e pesa-nos sobretudo que êsse facto tenha no mundo um aspecto de excepção ou fenómeno, em que pouco mais camaradagem encontramos que a de Londres e Copenhague.

¿ Desejo eu Lisboa uma cidade mesquinha, pobre, decadente? Não. Sou amigo da minha terra. Desejo-a bela, saudável de corpo e muito mais ainda saudável de alma, habitável para os seus possíveis habitantes. E para isso não importa que seja grande.

Muita gente, quasi tôda a gente que não habita Lisboa, vive na errada ilusão de que aqui é que a vida é risonha e fácil, próspera e feliz.

Nada mais enganoso que essa vã suposição creada pelo êxito de alguns e exacerbada pelo prestígio de grande terra — a capital — cujo movimento lhe dá um permanente ar festivo. Se todos soubessem como a verdade é tão diferente, como aqui custa a triunfar, como aqui custa ser alguém, o preço fabuloso de vestir colarinho engomado.

Na aldeia de Monsanto não há — que eu saiba — Policia de Investigação, nem Albergaria, nem o Tribunal dos Pequenos Delictos, nem a cadeia das Mónicas, nem agências de creadas para todo o serviço, nem crianças a vender cautelas, nem tascos imundos regorgitando às cinco da manhã, nem mulheres que para viver tenham de pulir as unhas aos homens e o mais que todos sabemos, detestamos e não soubemos ainda banir.

Quanto mais a cidade crescer, mais se agrava o seu problema social, mais serão os homens e menos aqueles que se conhecem e estimam uns aos outros. O isolamento, a falta de sociabilidade gera a desconfiança, tanto quanto a convivência desperta a camaradagem, a solidariedade, a amizade, o amparo recíproco.

Quando se fala na onda crescente do egoismo humano, poucos pensarão que êle parte justamente dos grandes centros, porque cada um ignora as dificuldades do seu semelhante, fruto emergente da falta de convívio. Muita gente, não significa muito convívio

Se a cidade cria as pessoas distintas de maneiras, uma camada fina, relativamente culta e muito bem educada, que observa com rígida obstinação tôdas as regras das boas virtudes, cuja vida exemplar é um sólido esteio para a sociedade, torna-se por outro lado a cidade um fácil esconderijo às pessoas sem maneiras algumas, uma capa de pro-

tecção ao anonimato licencioso, *que tanto maior será quanto maior fôr a cidade.*

No entanto a cidade continua a ser loucamente demandada por aqueles que julgam residir aqui a felicidade e a abundância.

Decerto que o aumento geral da população em todo o país se tem de reflectir também na capital, mas há formas de drenar por medidas naturais a sua superpopulação, por exemplo não consentindo a montagem de novos estabelecimentos fabris senão fora; dotando as terras da província de vida mais atractiva; fomentando a colonização nas nossas províncias ultramarinas; creando novas cidades no continente, cidades-modêlo, empreendimento a que o Estado Novo ainda não meteu ombros.

Do outro lado do Tejo, mas longe da sua margem, existe uma região lindíssima e produtiva que daria berço a uma bela cidade moderna, subordinada à arquitectura genuinamente portuguesa, onde se podiam fazer prosperar novas indústrias e culturas, capazes de absorver uma parte do que se possa considerar o excedente populacional de Lisboa.

Há no entanto uma indústria na capital, cuja existência — pelos braços que emprega — se não pode ignorar: a construção civil.

Parece que opondo um travão às novas edificações, se levantaria um problema social e económico àquela indústria. Assim não aconteceria se simultaneamente se encarasse como novo problema, a reurbanização de Lisboa. Metade dos prédios e ruas da cidade são de muito precária salubridade, a começar pela própria Baixa, que já devia de há muito estar interdita para habitação.

Destruir o que não presta para fazer de novo seria não só a forma de não crear dificuldades à construção civil, mas sobretudo a revalorização e aformoseamento de Lisboa, num justo aproveitamento dos valores artísticos que se revelaram na Exposição de Belém.

Não tem ressonância a minha modesta palavra, mas àqueles que não me possam compreender, recomendo que leiam e releiam um dos mais belos exemplares da literatura portuguesa — «A Cidade e as Serras», de Eça de Queiroz.

Novembro, 1940.

■ Companhia Nacional de Navegação ■

■ PRÓXIMAS SAÍDAS ■

Mês de Janeiro de 1941

Linha da Costa Ocidental de Africa

O vapor «CONGO», no dia 6

Linha da América do Norte

O paquete «LOURENÇO MARQUES», no dia 20

Linha rápida das costas ocidental e oriental de Africa

O paquete «QUANZA», no dia 30

Mês de Fevereiro de 1941

Linha da costa ocidental de Africa

O vapor «CUBANGO», no dia 6

Linha do Brasil — O paquete «ANGOLA», no dia 15

Linha rápida das costas ocidental e oriental de Africa

O paquete «LOURENÇO MARQUES», no dia 28

PEDIR INFORMES A

SEDE :
RUA DO COMÉRCIO, 85
LISBOA

SUCURSAL :
RUA INFANTE D. HENRIQUE, 73
PÓRTO

PEROLA DO ROCIO, LDA.

CASA ESPECIALIZADA
EM CHÁ, CAFÉ, BOLACHAS,
BOMBONS E CHOCOLATES

ENVIO DE ENCOMENDAS
PARA TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO

☐☐☐ telefone ☐☐☐
2 0744 ☐☐☐

Rossio, 105 - Lisboa

C. SANTOS, L.^{DA}

AUTOMOVEIS
E CAMIONETES

■
ACESSÓRIOS PARA
TODAS AS MARCAS DE
AUTOMÓVEIS E
CAMINHETAS.

PNEUS V. S. ROYAL.

TINTAS

ANTI-CORROSIVAS
BITUMASTIC

■
Avenida da Liberdade, 29 a 41

ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA

Excelente estrada marginal

Rápido serviço de combóios eléctricos

A mais elegante praia do País

TODOS OS DESPORTOS — Golf, Tennis,

Hipismo, Natação, Tiro, etc.

ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL, Luxuoso e confortável

HOTEL DO PARQUE, Moderno e elegante

HOTEL DE ITÁLIA, Preços moderados

ESTORIL-TERMAS, Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

TAMARIZ, Magníficas esplanadas sobre o mar. Serviço de Bar

Piscina de água tépida — Sala de Armas

Escola de equitação — Stand de tiro

CASINO — Aberto todo o ano — Cinema — Concertos — Dancing — Restaurante — Bars — Roleta — Banca francesa — Baccará

PARA INFORMAÇÕES DETALHADAS DIRIGIR-SE À
SOC. PROPAGANDA DA COSTA DO SOL - ESTORIL



SACOR

SOCIEDADE ANÓNIMA CONCESSIONÁRIA DA
REFINAÇÃO DE PETRÓLEOS EM PORTUGAL

S. A. R. L.

CAPITAL: 15.000.000 DE ESCUDOS

REFINARIA LISBOA

CASAL DAS ROLAS ~ CABO RUIVO

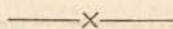
SEDE: LISBOA - RUA DO ALECRIM, 57

TELEGRAMAS: SACOR-LISBOA

TELEFONES: 2 8035 A 2 8039

ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA» DURANTE O ANO DE 1940

SECÇÃO DE ESTUDOS CULTURAIS E DE PROPAGANDA



VISITAS DE ESTUDO

- 28 de Janeiro — À Igreja de Santa Maria Madalena, dirigida pelo Sr. Luiz Pastor de Macedo.
- 18 de Fevereiro — Ao edifício do antigo Convento da Encarnação, à Calçada de Sant'Ana, dirigida pelo Sr. Norberto de Araújo.
- 31 de Março — Ao Ginásio Clube Português, dirigida pelo Sr. Álvaro Pereira de Lacerda.
- 12 de Maio — Às instalações do jornal «O Século», dirigida pelo Sr. Gustavo de Matos Sequeira.
- 26 de Maio — Ao Palácio de Belém, dirigida pelo Sr. Luiz Pastor de Macedo.
- 10 de Julho — Ao Pavilhão «Lisboa» da Exposição do Mundo Português, dirigida pelo Sr. Norberto de Araújo.
- 20 de Outubro — À Ermida de Santo Amaro, no Alto de Santo Amaro (repetição), dirigida pelo Sr. Luiz Moita.
- 25 de Outubro — Ao Castelo de S. Jorge, em comemoração do 793.º aniversário da conquista de Lisboa, dirigida pelo Sr. Gustavo de Matos Sequeira.
- 17 de Novembro — Ao edifício do histórico Mosteiro das Comendadeiras de S. Tiago, em Santos-o-Novo, dirigida pelo Sr. António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel).

CONFERÊNCIAS NA SEDE

- 30 de Novembro — Sob tema «Alguns reparos à *Conquista de Lisboa aos Mouros* e a sua tradução para português pelo Dr. José Augusto de Oliveira», pelo Dr. Ludovico de Menezes.
- 7 de Dezembro — Sob o tema «Lisboa vista por dentro e por fora», pelo Sr. Luiz Pastor de Macedo.
- 14 de Dezembro — Sob o tema «O Chiado visto das Janelas do Grupo «Amigos de Lisboa», pelo Sr. Gustavo de Matos Sequeira.

ROMAGEM

- 9 de Junho — Romagem do Povo de Lisboa à Sé e ao Castelo de S. Jorge, integrada nas Comemorações Centenárias. Organização do Sr. Luiz Pastor de Macedo, como delegado do Grupo «Amigos de Lisboa».

PAVILHÃO DE LISBOA NA EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS, de que foi director o Sr. Norberto de Araújo, como delegado do nosso Grupo.

OBRAS OFERECIDAS PARA A BIBLIOTECA DO GRUPO
«AMIGOS DE LISBOA»
PELOS SEGUINTESENHORES E ENTIDADES:

(Continuação)

JOÃO MARIA FERREIRA

- N.^{os} 1018 — *Manhã*, pelo oferente (1908).
» 1019 — *Combatendo*, pelo oferente.
» 1020 — *Excelsa* (poesia) *A Sua Magestade a Rainha D. Amélia*, pelo oferente.
» 1021 — *Tristezas*, pelo oferente.
» 1022 — *Os meus livros de orações*, pelo oferente.
» 1023 — *Cartas do Gerez*, pelo oferente.
» 1024 — *Aquele choupo isolado*, pelo oferente.
» 1025 — *Crepúsculos*, pelo oferente.
» 1026 — *Lendas cristãs*, pelo oferente.
» 1027 — *Para os pequenos*, pelo oferente.
» 1029 — *Horas de silêncio*, pelo oferente.

VISCONDE DO PORTO DA CRUZ

- » 1039/40/41/1057/1121/22/1150/1171 — *Revista Portuguesa*, (1938/39).

D. MARIA DE PORTUGAL

- » 1072 — *As Letras Portuguesas na nossa Faiança*, pela oferente.

TELMO FERREIRA E AZINHAL ABELHO

- » 1085 — *Mensagem, manifesto duma geração*, n.º 4.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

- » 1100 — *O Cérco de Lisboa em 1147*, pelo Dr. José Augusto de Oliveira, (1938).
- » 1101 — *O Carmo e a Trindade*, 1.º vol. por Gustavo de Matos Sequeira, (1938).
- » 1102 — *A Tomada de Lisboa nas Iluminuras Manoelinas*, pelo Dr. Reynaldo dos Santos (1938).
- » 1103 — *Machado de Castro e a Estatua Equestre*, por Luciano Ribeiro (1938).
- » 1104 — *O Tenente-General Bartolomeu da Costa*, por José Brandão Pereira de Melo (1939).
- » 1105 — *A Cerca Moura de Lisboa e o Esteiro do Tejo na Baixa*, por A. Vieira da Silva (1939).
- » 1106 — *Inventário de Lisboa*, por Norberto de Araujo (1939).

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DOS LOJISTAS DE LISBOA

- » 1107/128/172 — *Boletim da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa*, n.ºs 34, 35, 36, 37 (1939).

RAMIRO BARROS E SILVA

- » 1108/123/129/156/165/181/191 — *Imprensa Médica*, n.ºs 16 a 22 (1939).

SECRETARIA GERAL DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

- » 1109 — *Boletim da Comissão de Fiscalização das Obras de Abastecimento de Água à cidade de Lisboa n.º 14* (1939).
- » 1116/27 — *Itinerário das Estradas Nacionais de 1.ª e 2.ª Classe e seus Ramais do Distrito de Évora* (1939).
- » 1159 — *Direcção Geral dos Caminhos de Ferro, Relatório referente ao ano de* (1939).
- » 1184/55 — *Direcção de Estradas do Distrito do Pôrto, Itinerário das Estradas Nacionais de 1.ª e 2.ª Classe.*
- » 1186/87 — *Direcção de Estradas do Distrito de Setúbal, Itinerário das Estradas Nacionais de 1.ª e 2.ª Classes.*

DIRECÇÃO DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS

- » 1125 — *Boletim da Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 16 (1939).

ALVARO PINTO

- » 1110/113/145/46/162/63/189/194 — *O Ocidente* n.ºs 17, 18, 19 e 20 (1939).

(Continua)



AMIGOS DE LISBOA

Edições do Grupo, limitadas e algumas quasi esgotadas

Preço de venda para os sócios Preço de venda para o público

Noite de Evocação do Café Martinho (esgotado)
Noite de Evocação do Leão de Ouro 5\$00 7\$50

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia de S. Vicente.
Edição vulgar 6\$00 8\$00
Edição especial 12\$00 20\$00

Urbanização de Lisboa 2\$00 3\$00

LUIZ MOITA

Ermida de Santo Amaro 7\$50 9\$50

EDUARDO NEVES

Ruinias do Carmo 2\$00 3\$00
Igreja da Penha de França 2\$00 3\$00
A Faculdade de Medicina 4\$00 5\$00

MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Igreja da Conceição Velha 2\$00 3\$00
A Igreja e o Convento da Graça 5\$00 7\$50

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA (SIDÓNIO MIGUEL)

A Igreja e o sítio de Santo Estêvão 4\$00 5\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha 8\$00 10\$00
O Campo de Santa Clara 4,00 5\$00

LUIZ CHAVES

Lisboa no Folclore 4\$00 5\$00

RUY DE ANDRADE

Alfredo de Andrade e alguns problemas de edilicia citadina 4\$00 5\$00

Olisipo. De 1 a 12. Cada número 5\$00 7\$50

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde, em Lisboa, residia Almeida Garrett 4\$00 5\$00

ALFREDO DA CUNHA

«Olisipo» Berço do Periodismo Português 4\$00 5\$00

Edições consignadas

Preço de venda para os sócios Preço de venda para o público

LUIZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina 6\$00 7\$50
A Rua das Canastras 6\$50 8\$00
Crítica, Correccões e Aditamentos, à obra «Lisboa do meu tempo e do passado — do Rossio à Rotunda», do Sr. João Paulo Freire (Mário) 4\$00 6\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da freguesia da Sé. 6\$50 7\$50
Tempos que Passaram 10\$80 12\$00

MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

A Calçada da Ajuda.
Edição vulgar 6\$50 7\$50
Edição especial 13\$50 15\$00

NORBERTO DE ARAÚJO

Peregrinações em Lisboa, n.ºs 1 a 15, cada 7\$00 8\$00

JOSÉ PERRY DE SOUSA GOMES

Lisboa — da sua vida e da sua beleza 7\$20 8\$00

J. S. VIEIRA

O Conventó dos Marianos 4\$00 5\$00

FRANCISCO CANCIO

Aspectos de Lisboa no século XIX — fasc. I a XV, cada 6\$40 8\$00
Lisboa de outros Séculos — à Sombra dos Paços Reais, I a XII, cada 5\$00 5\$50

ALBERTO MEYRELLES

Lisboa Ocidental 8\$00 10\$00

CONDE DE ALMADA

Relação dos Feitos de D. Antão de Almada.
Edição vulgar 10\$80 12\$00
Edição especial 18\$00 20\$00

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge da cidade de Lisboa 7\$50 8\$50

ARQUITECTO PAULINO MONTEZ

A Estética de Lisboa 18\$00 20\$00
Lisboa-Alcântara / Alvito 13\$50 15\$00

CORONEL MIGUEL GARCIA

Pátria e Independência 3\$00 3\$50
Fundação da Nacionalidade 4\$00 5\$00

JOÃO PINTO DE CARVALHO

(TINOP)

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols., cada 7\$00 8\$50

E todas as edições culturais da Câmara Municipal de Lisboa